

## **A Arte Rupestre e a História Oral**

Albanêz Daniella Serafim Dias.

O estudo referente à pré-história tem contribuído para a ampliação de conhecimentos e pesquisas envolvendo o modo de vida dos primeiros grupos humanos. É possível conhecer o passado desses povos antigos, como caçavam, plantavam, viviam por meio dos vestígios materiais. Esses vestígios estão em forma de pinturas e gravuras nas paredes rochosas, em artefatos feitos de pedras, barro cozido, instrumentos de madeira, etc. cuja representação rupestre se apresenta de maneira mais apropriada à manifestação cultural.

Desse modo, reconstituir o passado histórico de determinada localidade, utilizando as narrativas construídas e repassadas de geração a geração implica numa valorização de registro mesmo com ausência do tempo. Na relação existente entre memória e história é importante evidenciar a cultura material dos sujeitos históricos, que intimamente relacionado aos sistemas de representação e produção de bens simbólicos caracterizam as diversidades regionais e locais.

Sendo assim, a história oral vai se constituindo e influenciando na história contemporânea, como forma de recompor particularidades e coletividades da vida social. Para Burguière<sup>1</sup> “... definir a identidade de uma sociedade ou de uma região é reconstituir a história de seus costumes, de suas maneiras de viver”. Fazer uma pesquisa histórica nessa área permitirá compreender as imagens construídas sobre o passado de um povo. Como diz Burguière (op.cit.) “O que o historiador retém do passado, corresponde intimamente ao que ele quer compreender ou justificar na sociedade que o cerca”.

Desde épocas remotas ao pleistoceno final que há indícios de povoamento de grupos humanos na região nordestina. Na Paraíba fica

evidente a presença do homem pré-histórico nos inscitos rupestres disseminados em diferentes localidades. No período da colonização portuguesa, o capitão mor Feliciano Coelho de Carvalho encontrou, próximo do rio Arosoagipe, gravuras em forma de cruces, caveiras e desenhos de rosas e molduras. Esses dados encontram-se na mais antiga e conhecida referência bibliográfica de registros rupestres no Brasil, no livro “Diálogos das Grandezas do Brasil”, de Brandônio.

Anos mais tarde, enviado a capitania da Paraíba em 1641 pelo governo holandês, Elias Herckmann em seu relatório, “Descrição geral da capitania da Paraíba”, relatou a presença de inscrições rupestres em rochedos. Esses espaços escolhidos são objetos de estudos por pesquisadores, uma vez que, o Nordeste brasileiro foi um espaço escolhido por povos pré-cabralianos que buscavam se adaptar as condições climáticas. Para Martin<sup>2</sup>, “O sertão da Paraíba com o resto do Nordeste, depois de um período climático de dominante úmida, experimentou um processo gradativo de ressecamento que transformou seu perfil ambiental. Essa transformação se deu de maneira diversificada segundo suas características ecológicas”.

A produção historiográfica paraibana, nas últimas décadas, recebe contribuição de diversos historiadores. Porém, ainda são limitadas as pesquisas sobre os indígenas devido às dificuldades de bibliografia do Período Colonial e as destruições nos acervos documentais. Os números que se tem referem-se sucintamente, aos índios Tupis, aos Tabajaras e Potiguaras, que participaram da fundação da Paraíba, e a presença dos índios Cariris durante as invasões holandesas e conquistas do sertão.

Em meados do século XVII, segundo concepções de alguns historiadores, a tribo indígena que ocupava determinada região do Curimataú Oriental corresponde aos Sucurus. Estes concentrados originariamente em Bananeiras e Cuité abrigavam os vales dos rios Curimataú e Trairi. Neste

período, acontecia a intensificação de colonizadores no interior da Paraíba devido à criação de gado. Dados registram o deslocamento de nações indígenas, que além de apresentar a característica de seres nômades estavam sendo vítimas de bandeirantes e missionários que buscavam tomar as terras, utilizando-se da catequização, aprisionamentos e mortes.

A Serra de Caxexa apresenta em algumas de suas rochas inscrites rupestres com tonalidades avermelhadas. Tal rocha é conhecida por moradores da região como a “Pedra do Letreiro”. Em outra localidade próxima a serra, na “Pedra do Caboclo”, verificou-se diversas pinturas rupestres na rocha, também de coloração avermelhada. Segundo estudos realizados em determinada “pedra”, essa cor foi possível com a utilização de óxido de ferro.

Sabe-se que o território nacional brasileiro foi habitado a milhões de anos atrás por povos indígenas que deixaram suas marcas registradas em forma de pinturas e gravuras em rochas. Como afirma Pivetta<sup>3</sup>, “A atividade gráfica nos primórdios da humanidade, basicamente desenhos pintados ou gravados sobre pedra por povos do passado distante, está presente em todos os continentes, com exceção da gélida Antártida”.

Essa forma de artefato cultural deixado pelo homem constitui um sítio arqueológico. É possível conhecer o passado dos povos antigos como caçavam, plantavam, viviam através dos vestígios materiais. Por isso, a ciência da Arqueologia utiliza-se dos vestígios para estudar a vida e a cultura desses povos. Os vestígios estão em forma de artefatos feitos de pedras (também chamadas líticas), barro cozido, ossos de animais, esculturas de pedras, instrumentos de madeira, cerâmica, pinturas e gravuras nas paredes rochosas de pedras.

Essa variedade de materiais traz informações sobre a caça, a pesca, a agricultura, a tecnologia, os valores sociais, gostos e simbolismos, a maneira como as pessoas armazenavam produtos, comiam, faziam rituais,

festas, cerimônias fúnebres. Tudo isso compõem a “cultura material” dos mais variados aspectos de vida do passado. Logo, os vestígios arqueológicos são os indicadores e integrantes do sistema cultural, em que o passado vem à tona, dando oportunidades às vozes que atravessaram os tempos.

Os caminhos trilhados pelo homem são marcados por construções culturais obtidas no contato com o meio natural. Esse resultado tem caráter significativo na condução da existência humana, e são ao mesmo tempo, recuperadores e construtores de memória. Nesse sentido, é a partir do levantamento etnográfico de determinados povos, sua origem, suas línguas, suas religiões e os seus costumes que o estudo da memória vem sendo trabalhado e modificado conforme os novos olhares lançados nos diferentes sociedades humanas.

Nesse sentido, busco estudar a cultura popular realizando entrevistas orais com moradores daquela região. Como já dizia Ecléa Bosi<sup>4</sup> (1994), os velhos “... são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara...” A importância das entrevistas com antigos moradores de um determinado lugar fortalecem o conceito de memória e tradição, uma vez que, no mundo imperado pela globalização esses conceitos se tornam cada vez mais descartáveis.

A partir dos relatos podemos perceber que os depoimentos dados pelos moradores estão completos de elementos simbólicos. Vale ressaltar a complexidade e multiplicidade das relações sociais de determinado povo. Entrevistando, velhos moradores da Serra da Caxexa, percebemos as marcas de diversas histórias de tal forma a serem lembradas e narradas. A memória coletiva de um grupo representa determinados fatos, acontecimentos, situações.

Com os avanços de pesquisas no campo da história oral se intensifica o uso da entrevista que passa a ter mérito, uma vez que, serve de

arquivamento e análise da documentação colhida. Como também permite reverenciar vozes antes silenciadas. A presença do passado no presente imediato das pessoas é razão de ser da história oral.

Vale ressaltar que a base existencial da história oral é o depoimento cujos elementos fundamentais são o entrevistador, entrevistado e a aparelhagem de gravação. Dentre os cuidados que se deve ter no uso da entrevista está a permissão do direito a autoria por parte do entrevistado. Estabeleci para este resgate tradições orais, a participação de pessoas, entre os mais velhos depositários das tradições que guarda a síntese da história passada de geração a geração. Os casos de tradição oral implicam o uso do que se chama de narrativas emprestadas como pra explicação do presente e a tradição oral necessita da retomada de aspectos transmitidos por outras gerações dá-se o empréstimo do patrimônio narrativo, alheio, quase sempre herdado dos pais, avós e dos velhos.

Logo, esse tipo de estudo permite fazer uma leitura da sociedade atribuindo significado as histórias contadas pelos moradores que, consciente ou inconsciente estão guardados em sua memória. Nesse processo e reconstituição pré-histórica cresce as possibilidades de se achar maior diversidade cultural no tempo e no espaço.

---

<sup>1</sup> BURGUIÈRE, André. A antropologia histórica. In: Le Goff, Jacques. A História Nova. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.p.127.

<sup>2</sup> MARTIN, Gabriela; PESSIS, Anne Marie. A Pré-História na Paraíba: passado e futuro. Arqueologia & Patrimônio. Governo do Estado da Paraíba, Secretaria da Educação e Cultura. Fundação Seridó, 1996.p.8.

<sup>3</sup> PIVETTA, Marcos. A arte na Pré-história do Brasil. Revista Pesquisa FAPESP, nº 105. Novembro de 2004.p.82

<sup>4</sup> BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: Lembranças dos velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.